

Já entraram mais de US\$ 6 bilhões

por Milton Coelho da Graça
de Nova York

"A marca dos US\$ 6 bilhões foi superada", informou, na sexta-feira, à imprensa o presidente do comitê assessor dos bancos credores do Brasil, William Rhodes, a respeito do volume de adesões ao empréstimo de US\$ 6,5 bilhões de "dinheiro novo". Uma vez mais, Rhodes recusou-se a revelar quantos dos 830 bancos já aderiram, mas uma fonte com acesso direto ao comitê disse que, "enquanto o dinheiro já passou bem dos 90%, o número de bancos ainda não chegou aos 60%".

A declaração de Rhodes foi divulgada com evidente otimismo pelos assessores do Citibank, mas esse otimismo não contagiou a revista Fortune, que, da mesma forma que sua concorrente Forbes, tem sérias dúvidas sobre a renegociação da dívida brasileira. Em sua edição corrente (data de capa: 5 de dezembro), Fortune afirma francamente que o novo acordo do Brasil com o Fundo Mo-

netário Internacional (FMI) é "um triunfo da esperança sobre a experiência" e que uma vez mais o País não tem condições de cumprir os objetivos fixados. "Desta vez", vaticina Fortune, "o fracasso pode forçar o Brasil a declarar uma moratória da sua dívida externa de US\$ 90 bilhões."

Analizando a previsão de um saldo na balança comercial de US\$ 9 bilhões em 1984, a revista diz que as importações não poderão ser muito mais reduzidas e menciona que várias indústrias — siderúrgica, eletrônica, produtos químicos e fertilizantes — estão sofrendo com as restrições impostas à compra de insumos importados. "A falta de fertilizantes", diz Fortune, "está reduzindo a produção agrícola exatamente quando a seca no Nordeste e as enchentes no Sul causaram uma redução na disponibilidade de alimentos. O Brasil agora tem de importar arroz e milho, produtos que ele normalmente exporta, para compensar as carências previstas."

Quanto às exportações, o autor da reportagem, Edward Boyer, também é pessimista, porque a lenta recuperação econômica na Europa e no Japão, bem como as medidas protecionistas nos Estados Unidos e em países em desenvolvimento, prejudica as vendas de produtos brasileiros.

"Para atingirem a meta deste ano, os brasileiros teriam de escamotear", afirma Fortune, explicando que, "segundo um importante economista e consultor brasileiro", a Interbrás comprou equipamentos na França que não foram incluídos na conta das importações. "E, para inflar as exportações, a Interbrás aparentemente tem exportado para si mesma, estocando os mercadorias no exterior."

Quase repetindo as palavras da revista Forbes, Fortune acusa duramente as estatais, dizendo que, "em sua maioria, elas são dirigidas por generais reformados ou por civis bem relacionados com os poderosos militares brasileiros" e, muitas vezes, os ministros que supervisionam as empresas trabalharam para elas no passado ou esperam voltar a elas depois de se afastarem dos cargos públicos.

A revista diz que, quando o ministro Delfim Netto criou a Secretaria Especial de Controle das Empresas Estatais (Sest), o governo nem sequer sabia quantas estatais existiam e que a própria Sest "acabou virando uma piada entre os executivos do setor público".

O presidente de uma das empresas disse à revista que o "pessoal da Sest não consegue nem ler um balanço, e eu nunca discuto meus problemas com eles. Vou direto ao Delfim".

(Ver página 12)

(Ouvida sexta-feira à noite no Rio de Janeiro pelo editor Reginaldo Heller, uma alta fonte do Ministério da Fazenda disse que não existe nenhuma anormalidade na contabilização de importações e exportações feitas pelo Brasil. A fonte admitiu que foram realizadas exportações para subsidiárias no exterior e importações sem registro na Cacex, mas acrescentou que isso foi feito "sem ferir as regras da balança comercial e dentro dos interesses do País".) (Ver página 3)